

# **Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos**

**Maria Luisa Jimenez Jimenez**

PESQUISA GORDA, PPG-ECCO / UFMT

## **Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos**

### **Resumo:**

A gordofobia é um preconceito que pode levar à morte em diversas situações. Esse estigma acontece com gordos, contudo as mulheres sofrem mais, já que vivemos em uma sociedade em que apenas o corpo magro feminino é valorizado. A proposta deste artigo é refletir sobre a construção do conhecimento pautado dentro de uma subjetividade capitalística, a qual patologiza esses corpos, amparado por epistemologias coloniais, heteronormativas, brancas e magras. Através da autoetnografia e de depoimentos, é possível entender a injustiça epistemológica sobre nossos corpos, que construiu saberes que propagam que o corpo gordo é inferior por estar doente.

**Palavras-chave:** gordofobia; mulheres gordas; injustiça epistemológica; feminismo gordo.

## ***Fatphobia: epistemological injustice about fat bodies***

### **Abstract:**

*The fatphobia is a prejudice that can lead a person to death in several situations. This stigma happens to fat people, however women suffer more, since we live in a society in which only the thin female body is valued. The proposal of this article is to understand the capitalistic subjectivity, which pathologizes these bodies. Through self-ethnography and testimonies, it is possible to understand the epistemological injustice upon our bodies, which has built knowledge that propagates that the fat body is inferior for being sick.*

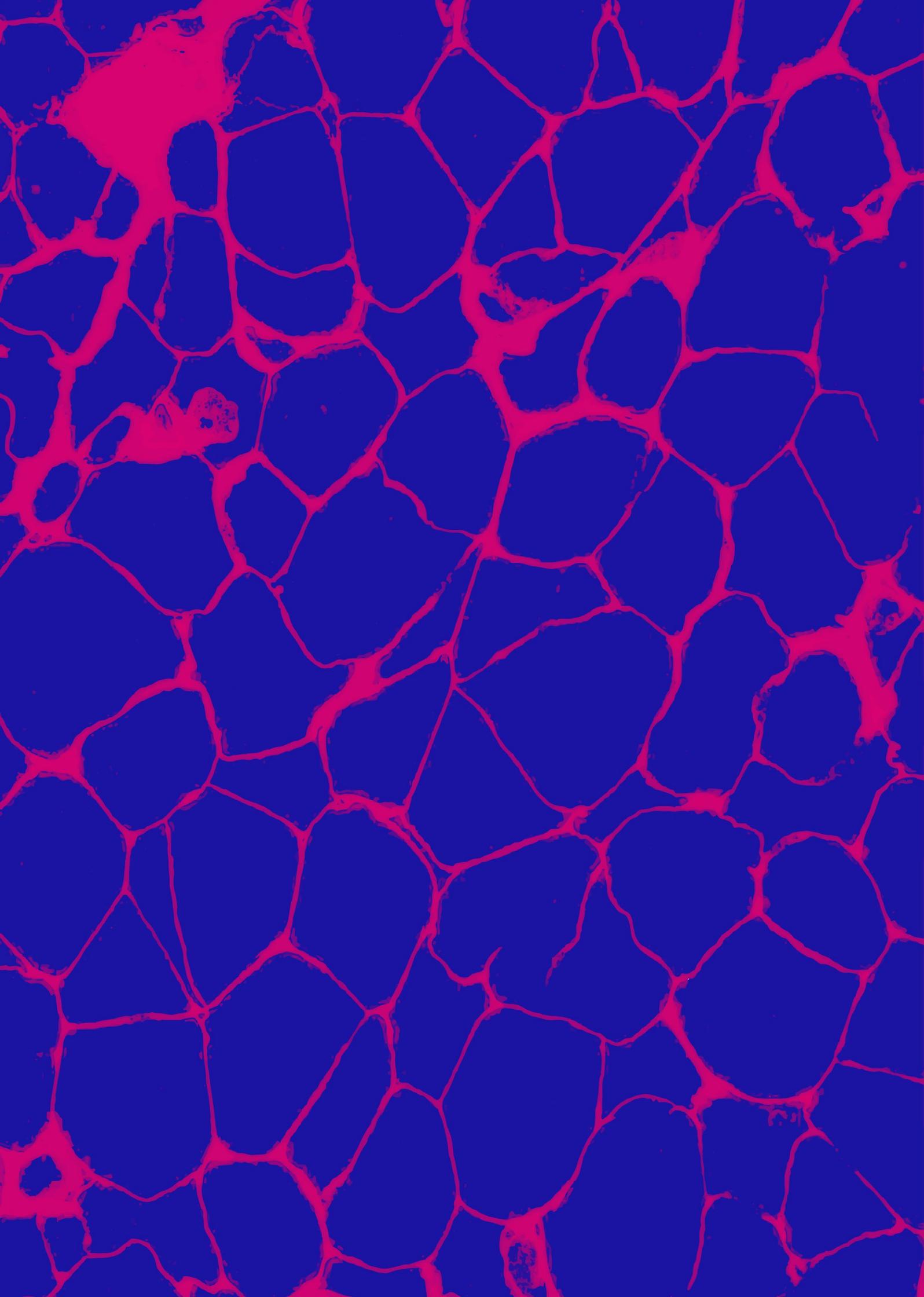
**Keywords:** fatphobia; fat women; epistemologic injustice; fat feminism.

## **Gordofobia: injusticia epistemológica sobre los cuerpos gordos**

### **Resumen:**

*La gordofobia es un prejuicio que puede conducir a la muerte en varias situaciones. Este estigma les pasa a las personas gordas, sin embargo, las mujeres sufren más, ya que vivimos en una sociedad en la que solo se valora el cuerpo femenino delgado. El propósito de este artículo es reflexionar sobre la construcción del conocimiento a partir de una subjetividad capitalista, que patologiza estos cuerpos, sustentada en epistemologías coloniales, heteronormativas, blancas y delgadas. A través de la autoetnografía y los testimonios, es posible comprender la injusticia epistemológica sobre nuestro cuerpo, que ha construido un conocimiento que propaga que el cuerpo graso es inferior porque está enfermo.*

**Palabras clave:** gordofobia; mujeres gordas; injusticia epistemológica; feminismo gordo.



## Introdução

Segundo Fischler (1995, p. 69), “há um século nos países ocidentais desenvolvidos os gordos eram amados; hoje, nos mesmos países, amam-se os magros” e odeiam os gordos. Existe um pavor social em engordar.

Esse ódio e pavor é denominado de gordofobia. É uma discriminação que leva à exclusão social e, conseqüentemente, nega acessibilidade às pessoas gordas. Essa estigmatização é estrutural e cultural, transmitida em muitos e diversos espaços e contextos na sociedade contemporânea. O prejulgamento acontece por meio de desvalorização, humilhação, inferiorização, ofensa e restrição dos corpos gordos de modo geral.

A gordofobia está em todos os lugares e é, muitas vezes, disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate. Sustentada por discursos de poder, de saúde e beleza como geradores de exclusão, existem comportamentos diários que reforçam o preconceito/estigma em relação às pessoas gordas, corroborando os estereótipos que estabelecem situações degradantes, constrangedoras, marginalizando as pessoas e as excluindo socialmente.

Esses comportamentos acontecem na família, na escola, no trabalho, nas mídias, nos hospitais e consultórios, na balada, no transporte, nas praias, nas academias, nas piscinas, nas redes sociais, na internet, etc. Enfim, nos espaços públicos e privados.

Foucault (1997, p. 127) explica que “o certo é que as redes do poder passam hoje pela saúde e o corpo. Antes passavam pela alma, agora pelo corpo.” Assim, acaba-se por imprimir no corpo – revestido de símbolos e interpretações – julgamentos e expectativas de modo que “se aplicam sentimentos, discursos e práticas que estão na base das vidas sociais.” (FERREIRA, 1994, p. 101).

Seguindo esse raciocínio, posso inferir que se associa ao corpo padronizado, magro e jovem a busca interminável por alcançá-lo de qualquer maneira, já que se constrói a ideia da conquista da beleza como utilidade, relacionando a conquista de corpo uniformizado a produtos que geram lucros milionários para a indústria da beleza.

Para Naomi Wolf (2018, p. 23), “o mito da beleza, como muitas ideologias da feminilidade, muda para se adaptar a novas circunstâncias e põe em xeque o esforço que as mulheres fazem para aumentar seu próprio poder”. Para a autora, a beleza é uma construção de controle social e tem se fortalecido: “Ela se fortaleceu para assumir a função de coerção social que os mitos da maternidade, domesticidade, castidade e passividade já não conseguem impor.” (WOLF, 2018, p. 27).

Os direitos reprodutivos deram à mulher ocidental o domínio sobre o próprio corpo. Paralelamente, o peso das modelos despencou para 23% abaixo do peso das mulheres normais, a incidência de transtornos alimentares aumentou exponencialmente e foi promovida uma neurose em massa, que recorreu aos alimentos para privar as mulheres daquela sensação de controle sobre o próprio corpo. As mulheres insistiram em dar um caráter político à saúde. Novas tecnologias de cirurgias “estéticas” invasivas e potencialmente fatais foram desenvolvidas com o objetivo de voltar a exercer sobre as mulheres antigas formas de controle médico (WOLF, 2018, p. 28).

Há indústrias que lucram com a busca da beleza, que é o objetivo central no mundo feminino, já que essa “[...] é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro.” (ibid., 2018, p. 15).

Essa cobrança é ainda mais grave quando se trata de pessoas gordas. Assim, na tentativa de conquistar corpos dentro de um padrão físico imposto culturalmente, as mulheres constroem relações de poder entre si, de forma a competirem para alcançar a “beleza ideal”. Os homens valorizam e se apropriam dessa busca feminina pelo padrão físico aceito (WOLF, 2018).

A mulher gorda, muito gorda, é considerada uma monstruosidade, o último estado que uma pessoa pode chegar, ou seja, ser gordo é a última coisa que as pessoas querem.

A proposta deste artigo é desmontar, denunciar e desprogramar a subjetividade capitalística, na qual estamos imersas, em que se faz acreditar que apenas um corpo é possível, belo e saudável, a partir de um relato em primeira pessoa.

*Temos o direito de ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito de ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).*

Radha D’Souza (2010) chama a atenção às pesquisas produzidas dentro das universidades, aponta que a avaliação deveria estar focada no poder transformador que elas carregam em si. A autora destaca a pesquisa ativista, que tem um enfoque na transformação social em seu tempo, transcendendo a universidade e dialogando com a sociedade em que está inserida:

*O ativismo, pelo contrário, é transcender. Ele implica que se transcenda a divisão entre sujeito e objeto, transpondo as fronteiras que separam o eu enquanto conhecedor e o conhecimento do mundo. É um modo de estar em que o conhecedor se identifica com o conhecimento de uma maneira tão completa, em que a distinção entre conhecedor e conhecimento se esbate de tal modo, que aquele se torna capaz de dar um salto qualitativo para o desconhecido. Do pensamento à ação vai um salto qualitativo. O salto tem de ser, necessariamente, para o desconhecido, na medida em que não é possível prever antecipadamente e de uma forma definitiva o efeito das ações (D’SOUZA, 2010, p. 162).*

A partir de uma pesquisa maior sobre o cotidiano gordofóbico e resistências de mulheres gordas a essa arbitrariedade em minha pesquisa de doutorado (JIMENEZ, 2020), proponho, neste texto, trazer depoimentos de outras mulheres gordas junto aos meus para o entendimento da injustiça epistemológica sobre nossos corpos, a qual se construiu a partir de saberes médicos, educacionais e midiáticos (nos quais se acredita e valida através do poder), que o corpo gordo não deve existir e, portanto, sua modificação deve ser realizada a qualquer custo.

São saberes hegemônicos em que o corpo gordo é entendido como doente, inferior e desprezível, reverberando, na sociedade contemporânea, um ódio a pessoas gordas e provocando perda de direitos, falta de acessibilidade e estigmatização, que as exclui, humilha, cria traumas e, muitas vezes, mata.

### **Ser gorda em uma sociedade lipofóbica**

Quando se observa a vida diária de uma pessoa gorda, os constrangimentos, as humilhações e as exclusões com que mulheres gordas, como eu, convivem em seu dia a dia, desde, em sua maioria, a primeira infância, pode-se inferir o que significa ser gorda na sociedade contemporânea e entender a injustiça ontológica sobre essas pessoas. Imersa em uma sociedade

lipofóbica, que busca a magreza como objetivo de vida, exaltando o corpo magro como objeto de felicidade. (FISCHLER, 1995).

Essa ideia e as relações estigmatizadoras entre o corpo gordo e a doença são construídas dentro de um processo de entendimento que culpabiliza o dono do corpo, já que a saúde, hoje, é entendida como responsabilidade individual, e não uma fatalidade ou genética.

Toda a história da humanidade é composta por padrões de comportamento unidos ao conceito de beleza. Mesmo que mutável, sempre esteve presente a concepção do que é ser aceito e admirado pelo grupo social a que se pertence, e isto não é uma novidade nem um fenômeno novo. No meu caso, desde a infância, também não foi diferente, porém uma coisa é sofrer uma pressão estética quando se tem traços presentes nos estereótipos reproduzidos de mulher bela, e de maneira bem distinta, constrangedora e traumática acontece quando não se está encaixada nessa padronização.

Ser uma criança gorda é começar bem cedo a entender e aprender o que acontece socialmente quando seu corpo não está em conformidade com a decisão social do que é estar saudável e bela.

Meu lugar social sempre foi o da “gordinha” da sala, da rua, do grupo, da brincadeira e assim por diante. Lembro que, com uns sete anos, minha mãe me colocou no ballet e, quando tive que colocar aquele collant rosa, saia rodada de véu, coque no cabelo e me olhei no espelho, na aula com outras meninas, me senti muito mal, e pior ainda foi quando tive que usar sapatilha de ponta, já que as coleguinhas riam, porque eu não conseguia ficar na ponta, e as que conseguiam riam e sussurravam que era porque eu era muito gorda e a ponta podia quebrar. A professora não fez absolutamente nada sobre aquele constrangimento e humilhação, pois era o preço que eu, criança gorda, deveria passar por estar daquele tamanho, ou seja, eu merecia aquilo, e é assim que a sociedade vem se comportando com pessoas gordas (DEPOIMENTO DA AUTORA, 2020).

Somos castigadas por sermos gordas. Instituições sociais, escolas, hospitais e universidades penalizam pessoas maiores por não se encaixarem no padrão corporal atual da sociedade.

Desde pequena, tenho marcas no meu corpo por ser gorda. A estigmatização, a humilhação e a exclusão que sofri, por inúmeras vezes, em casa, na escola, na rua e em festinhas eram justificadas e apoiadas pela maioria dos adultos, como uma punição por eu ter aquele corpo; essas marcas, carregou desde então.

Toda a violência sofrida enquanto criança, adolescente e, depois, adulta sempre esteve justificada e aprovada pela estrutura da padronização do corpo magro como o “certo”, “bom”, “saudável” e “belo”. Como eu não o possuía, poderia sofrer qualquer tipo de violação como castigo, porque a culpa era minha e eu merecia ser punida.

Como num entendimento de meritocracia social, a percepção sempre foi que só tinham o corpo magro as meninas saudáveis, que se exercitavam, que eram inteligentes, alegres, decididas e belas.

Durante as observações participativas em redes sociais, em *blogs*, em grupos e páginas no *Facebook*, em coletivos feministas, em um grupo de pesquisadoras no *WhatsApp* e em situações presenciais, a narrativa de viver a gordofobia desde a infância repetiu-se muitas vezes, e tem sido o alicerce de minha reflexão sobre o corpo gordo feminino nas minhas pesquisas.

Fui uma criança triste e solitária. Não tinha amigas nem amigos. Eu era a gorda do mundo que me odiava por eu ser gorda. [...] Uma vez, a classe colocou bolo na minha cadeira, e eu senti sem ver, me sujei; parecia que tinha feito coco nas calças. As outras crianças gritavam: gorda suja! Gorda suja! Eu quase morri de tanta humilhação e sofrimento naquele dia. A professora me mandou para a diretoria como se eu fosse a culpada por ter passado por aquilo, e a mulher que me atendeu, acho que era a diretora, chamou minha mãe e disse a ela que eu precisava emagrecer para ser aceita na sala, na minha frente. [...] Minha mãe me deixou de castigo e me colocou num regime absurdo para uma menina de 9 anos. Na época, [eu] me culpei também (DENISE<sup>1</sup>, 32 anos, 2016).

A fala a seguir aconteceu em uma conversa em um aniversário de uma amiga em comum. Denise tem uma filha gorda, e estávamos falando sobre como o tratamento institucional escolar é cruel e violento com crianças gordas. Sabíamos bem do que estávamos falando, conhecíamos de perto, pois já tínhamos passado por isso.

Minha filha chega chorando quase todos os dias. Já a mudei de escola duas vezes, e percebi que não é a escola, é social o negócio. Todo mundo odeia pessoas gordas. Eu também sofro. E ela é saudável, forte. Já não sei o que vou fazer. Eu não sou mais gorda, porque fiz a [cirurgia] bariátrica, mas ela ainda é um bebê de 8 anos. Regime e exercício já tentei. Ela emagrece um pouco, mas depois engorda, então a infância da minha filha não é uma infância alegre por causa do preconceito (DENISE, 32 anos, 2016).

Há, ainda, o relato de uma seguidora que me mandou uma mensagem com um pedido de ajuda:

Minha filha tem 4 anos e já quer fazer regime. Ela chora, fica se olhando no espelho... Disse-me que as coleguinhas dão risada dela e a professora não faz nada. Teve apresentação na escola de dança no Dia das Mães e ela não quis apresentar, porque disse que a roupa que ela usaria não ficava bonita nela. Eu já não sei o que fazer. Fui uma criança e adolescente gorda, também sofri essa pressão, mas nunca imaginei que, com 4 anos, isso poderia acontecer. O que eu faço? Eu acho que acabo reproduzindo isso também em casa, porque eu sou focada nesse negócio de ter um corpo magro, malho, estou sempre de dieta [para emagrecimento], porque tenho tendência, mas minha filhinha de 4 anos... estou desesperada (SUZANA, 36 anos, 2019).

Nós, mulheres gordas, em sua maioria, começamos a sofrer com a gordofobia na nossa infância. Essa narrativa é comum. Algumas conseguem superar e outras, nem tanto. Há as que tiram a própria vida, as que se escondem dentro de casa. Às vezes, em seus quartos, quando nem em sua própria casa é seguro estar.

Gorda desde bebê; é isso que sou e fui: GORDA. Minha vida toda lutei contra a balança, família, médicos, namorados e homens, sempre eles, um inferno. Tive três filhas que também seguiram meu caminho: regimes, plásticas, cirurgias, sempre engordamos de novo. É como uma maldição, sempre engordamos. Fiz duas cirurgias, mas a segunda, com 50 anos, me deixou com muitas sequelas, me deixou mais doente do que sempre fui, me deixou com ódio, rancor. Comecei a fazer terapia, porque uma das minhas filhas me obrigou e percebi ali, deitada no divã, que minha vida foi superficial e inútil; sempre

<sup>1</sup> Todos os nomes aqui usados são fictícios para proteger a identidade e a vida privada dessas mulheres.

preocupada em agradar meus maridos, minha família, a sociedade, o espelho. Quebrei todos os meus espelhos, cheguei à velhice Gorda. De que adiantou tanto esforço, tanto dinheiro gasto com ficar magra, para quem? Eu nem sei quem sou de verdade. Não tive esse foco na vida. Sempre fui o que os outros escolheram pra mim, ser magra e bela (BARBARA, 62 anos, 2017).

Minha obsessão pela magreza também existiu, em momentos pontuais, geralmente impulsionados por algum comentário ou comportamento de exclusão e julgamento do corpo gordo como ruim, doente, inapropriado. Foram muitos regimes e exercícios, contudo depois sempre engordava. Na adolescência, a preocupação com o corpo foi uma busca pela admiração social. Eu tomei remédios e fiz dietas malucas que me deixavam mais doente do que saudável, e sempre depois engordava. Meu objetivo final era ficar magra, receber elogios, me olhar no espelho e acreditar que tudo daria certo porque eu tinha conseguido emagrecer, não importando os métodos. Eu conseguia me manter magra por algum tempo, mas não aguentava me manter muito tempo em dietas e, logo que abandonava, voltava a engordar. Sempre que voltava a engordar, sentia-me muito mal comigo mesma e com os demais, como uma pessoa fracassada, suja, e [sentia] que tudo começaria a dar errado porque eu não tinha sido forte o suficiente para me manter magra, [há] muito sofrimento envolvido. Na fase adulta e apenas com 37 anos, quando fiquei grávida, parei de fumar e precisei ficar de repouso. Minha filha nasceu prematura por eu ter um mioma e faleceu com sete dias de vida. Fiquei ainda mais um ano esperando o mioma diminuir, com hemorragias horríveis, não podia fazer nada. Acabei engordando mais ainda (DEPOIMENTO DA AUTORA, 2020).

Toda essa história e o período de repouso me fizeram pensar bastante sobre: quem eu estava sendo; como era; o que é importante, de verdade, na vida; e por que um corpo gordo incomodava aos outros mais do que toda a tragédia que eu estava passando, já que muitos comentários sobre meu peso eram disfarçados de preocupação com minha saúde e bem-estar, mas poucos me perguntavam o que era perder uma filha e estar doente, com um mioma dentro de meu útero e que causava hemorragias frequentes.

Engordei muito e sofri com os diversos comentários, dicas e sugestões dissimuladas de saúde e amor, sempre bem pontuadas de que eu tinha sido gordinha, mas nunca obesa: *“Agora, que sua filha morreu, aproveite e faça um regime sério, porque ficar gorda, depois dessa tragédia, com certeza, vai fazer seu marido procurar outra. Isso sempre acontece. Você já não deu um filho para ele, e gorda ele não vai querer mais você”* (JOANA, 26 anos, 2010).

Ou, ainda, comentários como: *“Seu rosto é tão lindo”; “Existem maneiras de superar essa sua dor, e não é comendo”; “Vai em uma cachoeira e sai dessa cama”; “Nossa, como você está gorda. Cuidado, pois você pode adoecer”; “Já está ficando obesa”; “Você sempre foi gordinha, mas obesa é desleixo”. “A palavra ‘obesa’ soava como um martelo, criando feridas profundas no meu ser. Ouvida muitas vezes, foi como um despertar para algo muito sério e sistêmico que estava acontecendo na minha vida além daquela tragédia”* (DEPOIMENTO DA AUTORA, 2020).

Hoje, com mais conhecimento, percebo que a gordofobia aumenta a depender do tamanho de seu corpo. Como antes dessa tragédia eu era gorda menor, a gordofobia também era menor. Ela acontecia, mas, depois de chegar aos 100 quilos, a gordofobia era muito mais agressiva e frequente; e com 120 quilos, já era considerada um monstro, alguém que não merece ser respeitado como qualquer outro ser humano.

A gordofobia, agora, era sentida e questionada mais uma vez, contudo já não era como antes. Apesar de sofrer e refletir sobre ser julgada, humilhada e agredida por ser gorda, ficava

triste, pensava sobre, mas não tinha ainda o preparo para investigar cientificamente o porquê desse estigma tão forte e impulsionado socialmente.

Nas narrativas observadas nesses anos, o momento da maternidade e a relação com o corpo gordo é frequente e cruel. Mesmo que tudo tenha seguido um curso “normal” e o filho e a mãe estejam com saúde, é um momento de fragilidade e insegurança da mulher e, ainda assim, o corpo é julgado e estigmatizado:

*Com cinco meses que o Nino tinha nascido, minha barriga ainda estava gigante e cheia de estrias. Eram férias e fomos viajar para a praia; chegando lá, ficamos hospedados em uma casa de frente ao mar junto com toda minha família e amigos. Foi horrível, [pois] todos não disfarçavam a repulsa pelo meu corpo, e isso foi tão forte que comprei um maiô no segundo dia de praia e mesmo assim me olhava no espelho e chorava. Fui me abrir com minha irmã e ela me disse no final que eu tinha que me cuidar, que estava feio mesmo. Voltei antecipadamente pra casa e com oito meses cortei o leite e fiz uma plástica na barriga, e depois outra nos seios. Eu sofri muito, mas hoje me sinto linda. Faço questão de mostrar minha barriga para as amigas (VIVIANE, 29 anos, 2017).*

Diferente do meu processo, Viviane escolheu modificar seu corpo para se sentir melhor. Le Breton (2003:26) explica que o corpo é hoje um “desafio político importante — um analista fundamental das sociedades contemporâneas”: “O corpo tornou-se a prótese de um eu eternamente em busca de uma encarnação provisória para garantir um vestígio significativo de si. Ou seja, inúmeras declinações de si pelo folhear diferencial do corpo, multiplicação de encenações para sobre significar sua presença no mundo.”

O corpo, no mundo contemporâneo, é entendido como figuração social. É a partir dele que juízos de valor são emitidos. Esse corpo deve ser arquitetado, construído, plasmando sua forma, encobrindo suas fragilidades e envelhecimento. Assim, nosso corpo é um investimento a ser edificado na melhor aparência possível.

Uma observação importante nas falas das mulheres em puerpério é que recebem seus filhos para amamentação e cuidado, durante a recuperação da gravidez e do parto, com uma preocupação enorme de voltar ao corpo anterior, de emagrecer.

*Com três dias em casa amamentando e muitas dores ainda (porque não foi parto normal, levei um corte de 12 pontos, fiquei 6 horas sentindo dor, meu parto foi muito difícil e eu quase morri), mas enfim em casa, exausta, com nenê chorando, muita dor ainda, minha mãe só falava que eu tinha que me cuidar e emagrecer por causa da minha saúde e do meu marido. Eu entrei naquela onda e não conseguia relaxar com meu corpo, curtir aquele momento, fiquei neurótica. Olhava meu corpo no espelho e pensava que estrago aquela experiência tinha feito em mim e no meu corpo. Hoje, com mais 2 filhos e 12 anos que se passaram essa experiência horrível, penso que tipo de sentimento eu passava pra meu filho quando ia amamentar, pegar ele no colo... uma neurose de tristeza, com repúdio ao próprio corpo. Acho que isso deve acontecer com toda mulher e acho que isso não é bom, não (ROSE, 48 anos, 2017).*

Alguns depoimentos falam desse momento de amamentar e passar segurança ao bebê recém-nascido pela amamentação, dos primeiros carinhos e cuidados, o que me fez pensar sobre o tipo de sensação que aquele corpo feminino, que sempre guardou e protegeu o feto, mas com tanta insegurança consigo mesmo, passaria para o bebê.

Desde que nascemos, somos amamentados ou abraçados por corpos inseguros com sua aparência, pensando ou buscando uma maneira de melhorá-lo, de transformá-lo, de contraí-lo, para que o termômetro social o aprove como um corpo bem-sucedido.

Cintas, dietas, exercícios, cremes, cirurgias e inúmeros procedimentos que se aproveitam dessa insegurança de não ser aceito transformados em produtos para que as mulheres modifiquem e melhorem seus corpos. Num momento tão especial, que é a chegada de um filho, ao invés de a mulher curtir esse outro corpo que acaba de chegar, ela não consegue pensar além dessa busca pelo corpo padrão (AUTOR, 2020).

E não só na maternidade isso acontece, mas também quando chegamos à escola, quando vamos à praia, quando estudamos, quando brincamos de boneca. As mulheres definitivamente gastam muito tempo e foco em ficar “belas” e serem aprovadas socialmente, enquanto os homens se preparam o tempo todo para serem corajosos, ousados e alegres.

É toda uma vida sofrendo gordofobia e sentindo-nos culpada por isso. Consequentemente, as nossas histórias sempre são recheadas de fracassos e desistências, porque o foco de sobrevivência passa a ser o emagrecer, mutilar-se, esconder-se, sendo um verdadeiro vale-tudo para o alcance desse corpo único e válido socialmente. Somos culpadas por sermos gordas e, como mencionei, castigadas por isso.

## A gordofobia como dispositivo de controle

Pensando nessa condição (a de que nós, mulheres, para sermos belas, saudáveis, respeitadas e felizes, temos que estar magras e manter a magreza com estratégias mirabolantes) — escolhas alicerçadas por uma cobrança social muito forte —, acabamos associando o discurso biomédico como decisivo na manutenção, a qualquer custo, de um corpo menor. *“Uma alergista se recusou a solicitar um teste alérgico para mim porque, segundo ela, tudo ia melhorar se eu comesse menos! Fora nutricionista e endocrinologista ignorando totalmente meu histórico de transtorno alimentar ao prescreverem dietas ou medicação”*. (JOANA, 36 anos, 2018).

Desde que chegamos ao mundo, a saúde é associada à preocupação com a gordura e à busca feroz pela magreza, um pilar que contribui fortemente para a estigmatização do corpo gordo em sociedade.

Conversei sobre o tema com algumas mulheres grávidas e lactantes. Uma dessas mulheres, Hilda, que é uma mulher gorda, enquanto conversávamos, amamentava seu filho João. Anunciou, na conversa, sua preocupação em voltar a ter a barriga e seios de antes de engravidar, porque, segundo ela, seu corpo não era gordo antes da gravidez, era “gordinho”, sem barriga e seios firmes:

*Eu penso muito nisso. Tirei todos os espelhos grandes do meu quarto, porque me faz muito mal me ver nesse novo corpo horrível; tudo mole, grande, feio. Meu marido disse para mim que depois eu faço uma academia e volta ao normal, mas eu acho que ele fala isso pra me consolar. Nossa sexualidade nem existe mais. Acho que ele sai com outras mulheres, [que] devem ser mais novas e belas, e fica comigo por pena, sei lá. Eu não estou bem por isso* (HILDA, 32 anos, 2018).

Hilda estava depressiva, triste, contando como se sentia em seu novo corpo de mulher que acabara de parir, amamentando e falando, com muito sofrimento, seus desafetos sobre seu

corpo. Nós mulheres nos preocupamos tanto em estar com um corpo aceito socialmente, que acabamos deixando de aproveitar o que está acontecendo ao nosso redor, e não só isso, mas também contaminamos as pessoas que ali estão com esse sentimento de fracasso e tristeza.

Minha irmã é doula e me disse para parar com isso, e aproveitar minha filha, que é linda e cheia de saúde, mas é difícil, é algo que me consome. Eu engravidei sem estar preparada, acho, foi acontecendo e eu fui aceitando, mas depois do parto, me sinto assim, triste, feia, doente. Preciso de ajuda, vou começar a fazer um tratamento com acupuntura e vou ver se acho uma psicóloga (HILDA, 32 anos, 2018).

Talvez seja por esse motivo que vemos, nas redes sociais, com uma frequência ascendente, gestantes que “pegam pesado” na academia e a venda de produtos e dietas voltadas a esse momento da vida. Existem muitos perfis no *Instagram*, por exemplo, vendendo a imagem da mulher grávida *fitness*, saudável e alegre.

Como o perfil da modelo Sarah Stage, que, em 2015, fotografou o passo a passo de seus 9 meses de gravidez, malhando, comendo “comidinhas *fitness*” e mantendo seu corpo magro, jovem e malhado. O êxito foi tanto que, após o parto, continuou a proposta de “ensinar” como ter um corpo magro saudável, mostrando como conseguia manter seu corpo e a barriga “tanquinho”. (NEVES, 2015).

Esse medo de engordar tem levado mulheres a repensar a gravidez e avaliar como “tratar” seu corpo nessa fase, uma preocupação sempre sustentada pelo discurso do corpo saudável magro:

Engordei 3 quilos na gravidez, fiz tudo direitinho: nutricionista, malhação, hidroginástica, caminhada, alimentação super saudável, e estou aqui de volta com meu corpo. Sou *fitness* até na gravidez, amamenteei seis meses a Clara, porque já voltei para minhas atividades normais. Ela é uma criança linda e alegre (KATIA, 28 anos, 2018).

Nota-se que as mulheres acreditam que todos os corpos podem iguais ao de Sarah Stage, ou seja, conseguir um corpo malhado, belo e jovem na gravidez é possível, desde que se faça exatamente como ela fez, mas a realidade não é essa. Muitas mulheres não podem, não conseguem e se sentem fracassadas e culpadas por não alcançarem o corpo vendido pelas mídias.

Eu malho a vida toda, desde meus primeiros anos de vida, me lembro em aulas de esporte e aos 12 anos já ia com minha mãe na academia. Ela foi miss, modelo, e eu segui pelo mesmo caminho, quando casei e engravidei da Julia não deixei de malhar, aí peguei mais pesado ainda, [e como] meu personal trainer é especialista em mulheres grávidas, montei um *Instagram* “A mãe da Julia” e tenho dois milhões de seguidoras. Meu corpo só cresceu a barriga mesmo, e depois de um dia já estava na academia fazendo lives de novo. Meu corpo é minha vida, se eu não cuidar dele eu morro (ANDREA, 26 anos, 2017).

A construção do discurso biomédico, midiático e normatizado do que é ser saudável não leva em consideração todos os corpos, subjetividades, afetos, histórias de vidas e dimensões culturais.

Há uma lógica política, uma lógica capitalística mundial, para a qual existem apenas dois tipos de corpos, o com saúde e o com doença, e esse entendimento acaba impulsionando mais estigmatização e tristeza, contrariando o que podemos entender por um corpo com saúde:

Quando eu tinha 13 anos comecei a vomitar tudo que eu comia. Nunca imaginei que estava doente, porque meu objetivo era estar magra e eu estava,

então achava aquilo normal. Minha melhor amiga também vomitava e minha mãe eu já tinha ouvido ela vomitar. Com 21 anos fui internada e descobri que estava doente porque estava magra demais (CECÍLIA, 34 anos, 2017).

Como vimos, o discurso vigente acaba separando os corpos nada reais, tidos como os normais, daqueles que estão acima do peso, flácidos e gordos, tidos como os patológicos. Entender essa dualidade e os conceitos de doença e normalidade, patologia e anormalidade, através da filosofia da ciência, pode nos dar pistas de como essa concepção biomédica do corpo é profunda, marcada por muitas construções socioculturais, e entender a gordofobia como injustiça epistemológica.

Canguilhem (1982) foi um filósofo médico francês que se debruçou sobre a concepção de “normal” e “patológico” no discurso biomédico, que é um modelo mecanicista, porque generaliza e simplifica o que consideramos dentro dos consultórios médicos.

Para ele, a ideia de patologia e anormalidade, ou doença, e normalidade não pode estar desassociada do organismo e do ambiente em que se encontra. A investigação analítica desse conceito não pode deixar de levar em conta os valores e construções sociais, isto é, essa análise deve estar marcada por estudos socioculturais.

Para o filósofo, estar ou ficar doente nada tem a ver com fenômenos biológicos e/ou objetivos, porque o que se considera saudável ou doente sempre estará submerso nas subjetividades.

[...] achamos que é muito instrutivo meditar sobre o sentido que a palavra normal adquire em medicina, e que a equivocidade do conceito, assinalada por Lalande, recebe, desse sentido, um esclarecimento muito grande e de alcance absolutamente geral sobre o problema do normal. É a vida em si mesma, e não a apreciação médica, que faz do normal biológico um conceito de valor, e não um conceito de realidade estatística. Para o médico, a vida não é um objeto, é uma atividade polarizada, cujo esforço espontâneo de defesa e de luta contra tudo que é valor negativo é prolongado pela medicina, que lhe traz o esclarecimento da ciência humana, relativo, mas indispensável (CANGUILHEM, 1982, p. 50).

A valorização da vida em si, de cada corpo como único, como corpo que carrega sua história, afetos e construções, não deve ser considerada ou mesmo esquecida. Há um equívoco em entender o corpo humano como uno, ou dual, uma coisa ou outra, normal ou patológico:

Sem dúvida, há uma maneira de considerar o patológico como normal, definindo o normal e o anormal pela frequência estatística relativa. Em certo sentido, pode-se dizer que uma saúde perfeita contínua é um fato anormal. Mas é que existem dois sentidos da palavra saúde. A saúde, considerada de modo absoluto, é um conceito normativo que define um tipo ideal de estrutura e de comportamento orgânicos; nesse sentido, é um pleonasmo falar em perfeita saúde, pois a saúde é o bem orgânico. (...) No entanto, por mais prevista que possa parecer, não podemos deixar de admitir que a doença é prevista como um estado contra o qual é preciso lutar para poder continuar a viver, isto é, que ela é prevista como um estado anormal, em relação à persistência da vida que desempenha aqui o papel de norma. Portanto, tomando a palavra normal em seu sentido autêntico, devemos formular a equação dos conceitos de doença, de patológico e de anormal (CANGUILHEM, 1982, p. 52-53).

A partir dessa reflexão, posso inferir que nenhum corpo estará sempre saudável no decorrer de sua existência e que o próprio conceito de doente faz parte da construção e vivência

desse corpo, já que ele não tem como ser saudável todos os dias de sua vida. Portanto, todos os corpos vivenciam doenças, algumas são eliminadas e, com outras, vive-se por muito tempo.

Posto isso, entendo que a gordofobia está ligada à moral que padroniza corpos, ligada a discursos de poder, por meio de uma subjetividade capitalística de injustiça epistemológica sobre esses corpos.

## Gordofobia como injustiça epistemológica

Poulain (2013) faz uma análise sociológica sobre o surgimento da “obesidade” e de como essa patologização foi construída socialmente e instrumentalizada no universo das ciências médicas. As consequências dessa maneira de entender o corpo gordo acabaram por reforçar a sua estigmatização:

O papel dos cientistas, dos especialistas, do aparelho de legitimação do mundo científico – por meio das revistas, dos congressos, das conferências de consenso – é essencial nesse momento. O que está em jogo é que está ligado à necessidade de tornar o problema visível e digno de crédito. As mudanças de vocabulário e as modificações de estatuto epistemológico para noções como “fator de risco”, “doença”, “doença mortal”, “epidemia” podem facilitar a visibilidade da questão da obesidade (POULAIN, 2013, p. 149).

Para o autor, é importante analisar a evolução do estatuto epistemológico da obesidade,<sup>2</sup>

[...] porque houve um momento que se considerou a obesidade como um problema estético e moral para um período em que ela se tornou uma causa de doenças, o objeto de uma argumentação sanitária cada vez mais avançada, de uma lenta, porém contínua, medicalização, até ser finalmente designada como epidemia mundial (POULAIN, 2013, p. 157).

Com essa análise, Poulain (2013) aponta que aconteceu uma medicalização da obesidade, medicalização no sentido que Conrad (1992) define, isto é, “como um processo pelo qual os problemas não médicos são definidos e tratados como médicos, em termos de doença e de disfunção.” (CONRAD, 1992 apud POULAIN, 2013, p. 157).

Nessa trajetória epistemológica do corpo gordo para uma concepção de obesidade como epidemia e sua supervalorização patológica, começa a surgir, na década de 90, relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS), apontando o corpo gordo como uma doença perigosa e epidêmica mundialmente. Como consequência, a mídia e as estatísticas surgem como uma avalanche alarmista e sensacionalista na sociedade mundial.

Poulain (2013, p. 188) indaga quem “poderia ter interesse na questão do sobrepeso e da obesidade para que ela apareça em primeiro plano na cena social, a fim de que a situação se dramatize e se inscreva nas agendas políticas.”

O autor anuncia que existem vastos interesses, tanto das indústrias farmacêuticas e parafarmacêuticas como do mercado de emagrecimento e da indústria agroalimentar e de refeições rápidas:

Na verdade, quase todos os membros dessa comissão têm relações de interesse com as empresas farmacêuticas ou parafarmacêuticas. O próprio CCF

<sup>2</sup> Sugiro a leitura de *Sociologia da Obesidade*, de Jean-Pierre Poulain, primeira parte: “A sociologia a serviço da medicina da obesidade”.

(*Consumer Freedom*) lembra igualmente que o IOTF (*World Federation Obesity*) que aparenta ser uma organização científica independente, é “financiada pela indústria de medicamentos” e o designa simplesmente como uma das “estruturas de *lobbying* atuantes juntos à OMS. O CCF não hesita em declarar que: a ampliação da categoria do sobrepeso é resultado de um trabalho bem-sucedido de *lobbying*. Inserido várias dezenas de milhões de americanos na categoria do sobrepeso, o IOTF expande consideravelmente o mercado dos produtos e dos serviços correspondentes a uma demanda de emagrecimento (ALLISON, 1999, p. 1530-1538 apud POULAIN, 2013, p. 189).

Foucault (2004) também levanta uma crítica à constituição dos saberes da medicina no mundo ocidental. Já que, para o filósofo, houve a substituição da maneira de entender ou perceber a “arte de curar” pelo patentear a doença sobre o corpo.

Com essa nova forma de entender o corpo gordo como doente, ocorre uma desvalorização do adoecimento, da subjetividade de um entendimento sensível cultural de seus afetos, e um enaltecimento da doença, por modelos de identificação de enfermidades, classificando a doença na pluralidade dos corpos, e não na singularidade de cada ser.

Esses discursos classificatórios acabam tornando-se verdades absolutas mundialmente, como um dogma religioso; explica Wolf (2018) que a sociedade está obcecada por acreditar fielmente que existe um tipo de corpo válido e que o resto não é normal:

A cultura moderna reprime o apetite oral da mulher da mesma forma que a cultura vitoriana, através dos médicos, reprimia o apetite sexual feminino: do alto da estrutura do poder para baixo, com um objetivo político. Quando a atividade sexual feminina perdeu seus valiosos castigos, os Ritos tomaram o lugar do medo, da culpa e da vergonha que as mulheres sabiam que deveriam sempre acompanhar o prazer. [...] O estado de sua gordura, como no passado o estado de seu hímen, é uma preocupação da comunidade. “Oremos por nossa irmã” se transformou em “Nós todos vamos incentivá-la a perder esse excesso de peso (WOLF, 2018, p. 145-147).

Existe uma lacuna nos estudos da “obesidade”, da gordura, em levantar questionamentos sobre qual caminho estamos seguindo nessa questão de transformar todo corpo gordo em doente, anormal e patológico. Essa obsessão na busca pelo corpo magro leva a um preconceito que mata mais que a própria “obesidade” anunciada por eles.

É urgente o desenvolvimento de pesquisas sobre o corpo gordo brasileiro na comunidade acadêmica, como já existem em outros países (*os fat studies*, por exemplo), para um entendimento epistemológico da construção de discursos de saúde, fundamentados em bem-estar e vida saudável, mas que, verdadeiramente, em nosso mundo capitalista, os interesses sempre são de impérios empresariais que manipulam nossas investigações científicas.

Estamos colapsando ao apoiar a ideia construída pelo discurso biomédico. Aliás, a medicina não tem conseguido diminuir ou melhorar os índices de pessoas gordas no mundo, muito pelo contrário. Como anunciam, a quantidade de pessoas acima do peso só tem crescido.

Não podemos mais consentir e apoiar esse modo de entender o corpo gordo no mundo, que empurra essas pessoas para a margem da sociedade usando como base de seu discurso a ideia de saúde:

Eu tentei me matar cinco vezes, já fui internada duas vezes, tomo remédios fortíssimos, sou uma pessoa depressiva, tenho fobia social. Fiz a cirurgia bariátrica acreditando que tudo isso ia mudar, mas percebi, nesses quatro anos,

que a sociedade acabou comigo. Hoje, sou magra, mas penso como antes, sou insegura, tenho muitos problemas de saúde. Vejo-me com uma pessoa que não merece amor, carinho, respeito, [então] me corto, me machuco. Eu quero morrer (GABRIELA, 29 anos, 2018).

Essa maneira de entender e patologizar o corpo gordo é cruel. Como já anunciado neste texto, a gordofobia mata pessoas pela estigmatização desse corpo como dissidente.

Já pesei 150 quilos. Quanto mais fazia tratamentos para emagrecer [durante] minha vida toda, mais engordava. Tinha 28 anos e estava enorme. Eu gostava de mim, mas, aos poucos, fui me odiando. Minha família decidiu que eu fizesse a cirurgia em 2009 e fiz, mas tive consequências graves e engordei de novo. Então, ano passado tentei me matar. Tomei todos os remédios que tinha no banheiro e fui socorrida pelo meu irmão, que chegou em casa e me levou ao hospital. Fiquei internada três meses e depois me mandaram para uma clínica. Fiquei me alimentando por sonda. Eu nunca mais consegui comer com prazer, eu nem sei o que é prazer. Minha vida não vale ser vivida. Eu sou uma coisa que deu errado e não tem solução, é isso (LORENA, 42 anos, 2018).

Quando se encara a saúde apenas por um aspecto alarmista e único, corre-se o perigo de negar aquilo que se defende, como a “saúde” aos corpos que buscam por atendimento médico nos consultórios e hospitais.

Sempre meu desejo foi emagrecer, porque minha família, professores, meus médicos, psicólogos, nutricionistas, o mundo, me venderam essa ideia de que, para eu ter saúde, tinha que estar magra; para ser alegre, tinha que estar magra; para casar, tinha que estar magra; para terminar a faculdade, tinha que estar magra; para ter amigas, tinha que estar magra. Então, eu fui forçada, desde pequena, a emagrecer e manter esse corpo magro, mas nunca consegui satisfatoriamente. Tinha fases mais magras e fases mais gordas, mas nunca era um corpo magro ideal. Já fiz de tudo, tudo mesmo, e nunca alcancei as promessas que a sociedade fez para depois que eu estivesse magra, e então eu voltava a engordar. Isso é um horror, uma pressão, um sufocamento, uma forma de não deixar a gente viver a nossa vida, porque a questão de estar magra é o tempo todo central na nossa vida. Isso é tristeza e dor (JULIANA, 32 anos, 2018).

São inúmeros os casos de mulheres que vão a consultórios e ambulatórios com queixas de dores, manchas ou simplesmente para aferir a pressão, e recebem um tratamento extremamente ofensivo, com um diagnóstico pronto de “obesidade”. Por consequência, muitas mulheres deixam de frequentar o médico e, até mesmo, desenvolvem doenças não diagnosticadas, uma vez que, quando atendidas, o foco sempre recai no corpo gordo:

Faz 3 anos que não vou ao médico; nem ao ginecologista, nem ao oculista, nem ao dentista. Odeio essa gente nojenta, odeio com toda minha alma. Tenho trauma, tenho medo. Quando penso nesse tema, começo a suar. Nem à psicóloga vou mais, porque a última me falou que eu tinha que ter força de vontade para emagrecer. Eu discuti com ela, porque eu tenho força de vontade, mas não consigo. Fiquei muito mal com isso (URSULA, 31 anos, 2018).

Eles odeiam gente gorda. É como se a gente fosse monstros contra a saúde do mundo e que a gente tivesse uma doença contagiosa que eles podem pegar, ou seus filhos e família. Quando a gente entra num consultório ou chega num hospital, todos, desde a recepcionista até as enfermeiras, te olham com ar de reprovação e escárnio. É humilhante demais, é dolorido demais. No fim

de ano, eu tive uma intoxicação alimentar e tive que ir ao médico. Foi um pesadelo. Chorei muito e demorei dias para me recuperar. Agora, preciso ir ao médico, porque tenho muitas dores de cabeça, mas não vou por pavor que tenho desse tratamento que contei (ODETE, 26 anos, 2019).

Minhas conversas com mulheres gordas perpassaram por essa questão da gordofobia médica. Fica claro que os profissionais da saúde não estão preparados para o tratamento humano das pessoas gordas. A estigmatização é tão forte e naturalizada que a metodologia no trato desses corpos é cheia de preconceito e descaso com suas queixas. A pessoa é vista como responsável por ser grande, e ser grande é algo abominável e que deve ser repreendido.

Esse comportamento não é diferente nas instituições educacionais ou na forma como a mídia vem tratando esses corpos. O estigma da obesidade, por ser estrutural, está institucionalizado nas universidades e seus magistrados nem percebem isso, apenas repetem.

## Considerações finais

A proposta de (re)existir do feminismo gordo tem reverberação direta em uma nova maneira de reconstruir nossas vidas e descolonizar, despatriarcalizar nossos corpos, saberes, desejos e modos de estar e se relacionar, socialmente e intimamente, com o mundo e conosco.

É uma questão de reconhecer que, da maneira que vivíamos/vivemos, já não era/é mais possível, ou seja, odiando-nos, seguindo as normas e tentando reconstruir um corpo que insistia/insiste em ser gordo e rebelde às regras estabelecidas - até nos encontrarmos com nossos e outros corpos gordos de outra forma, quando a desconstrução do que é um corpo belo, saudável e aceito na sociedade foi/é colocada em embate político.

Muitas falas vêm ao encontro de que o ativismo gordo salvou suas vidas, mudou a sua maneira de pensar e ver seu próprio corpo, ajudou a sair da concepção de corpos dóceis e fragilizados que Foucault anunciou. E se libertar de uma episteme colonialista e patriarcal é libertar-se da culpa de ser dissidente, criando um novo modo de entender nossos corpos.

Após duas décadas que Foucault anunciava a sociedade disciplinar, Deleuze nos chamou a atenção para uma nova transformação — uma sociedade de controle, e os corpos, antes vigiados, punidos e disciplinados, agora são controlados por nós mesmos, ou seja, somos nossos próprios algozes. O corpo sempre estará no controle capitalístico de ser disciplinado, mas, principalmente, controlado, seguindo as regras estipuladas pelo sistema. Quando isso não acontece, somos punidas socialmente e, assim, rapidamente voltamos ao ciclo do controle.

Contudo, quando nos damos conta desse controle e somos afetados muitas vezes por ele, é preciso modificar essa forma de estar no mundo, como explica o filósofo: “O que nós temos é a ideia do que acontece ao nosso corpo, a ideia das afecções do nosso corpo, e é apenas por tais ideias que conhecemos imediatamente nosso corpo e os demais, nosso espírito e os demais.” (DELEUZE, 2002, p. 73).

Posto isso, a descoberta de um novo pensar, de uma proposta feminista epistemológica gorda como produto e encontro entre corpos afetados, pode libertar o pensamento para recriar essa concepção de dominação. Assim, é “adquirir um conhecimento das potências do corpo para descobrir paralelamente as potências do espírito que escapam à consciência.” (DELEUZE, 2002, p. 128).

Trata-se, então, a gordofobia de uma injustiça epistemológica no que se refere à construção do conhecimento sobre os corpos gordos femininos, já que, durante séculos, nossos corpos foram percebidos, sistematizados e controlados como “coisas monstruosas”, que não deveriam existir dentro da sociedade heteronormativa.

O corpo feminino como desejo do masculino também faz parte desse controle e, por isso, nós mulheres somos tão obcecadas pelo emagrecimento e pelo o que é ser belo para os homens, mesmo que essa busca seja dolorida e ineficaz.

É importante lembrar que a gordofobia não afeta só as mulheres, já que é um estigma com todos os corpos gordos, como já falamos, mas esta pesquisa mostra que as mulheres são as que mais são afetadas pelo preconceito, pois o controle do nosso corpo também é institucionalizado.

A dominação masculina, como vimos na maioria das falas aqui apresentadas, é diretamente ligada ao pai, ao marido, ao irmão, ao médico ou às mulheres que repetem o padrão de comportamento patriarcal. A violência de gênero aqui aparece pública e agressiva, como uma vingança contra todas as mulheres que não estão no peso ideal estipulado socialmente.

Wolf (2018) nos alerta para a construção da beleza feminina como forma de dominação masculina e patriarcal para o desejo. Essa é uma discussão importante nesta pesquisa, visto que as mulheres que não estão de acordo com as regras estipuladas são castigadas pelos homens e por todas as instituições que seguem esse padrão.

Acredito que este texto serve de alerta para a reivindicação de como o corpo gordo deve ser entendido por outro viés, e não mais com tanto estigma, injustiça e exclusão. O universo gordo está se preparando e se organizando para essa nova proposta de estar no mundo.

É urgente que as exigências de mulheres gordas sejam ouvidas e consideradas na construção de políticas públicas dentro dos espaços de discursos de poder, para o qual devemos levar a discussão sobre a estigmatização do corpo gordo e suas consequências, bem como a despatologização do corpo gordo como questão de direitos humanos.

Faço um chamamento, desde o feminismo gordo à comunidade acadêmica, para que revejam esses saberes que matam, humilham e desconsideram potencialidades. É, dessa maneira, inadiável que os cursos nas universidades tenham disciplinas e debates sobre o estigma e injustiça epistemológica desses corpos, que rompam com essa universalização de saber criada para dominar e exterminar corpos maiores.

É necessário e inadiável que existam representantes políticos que se preocupem em criar centros de referência para pessoas gordas, nos quais exista a oferta de atendimento médico especializado, advogados, terapeutas, psicólogos, nutricionistas, assessorias para busca de emprego, cursos de formação etc., com políticas que reconstruam essas vidas e demonstrem à sociedade que os espaços também serão ocupados por pessoas gordas, e isso é constitucional.

Proponho, ainda, chamar a atenção para um esclarecimento de que nossos corpos gordos são políticos, porque afrontam, revolucionam o corpo considerado “normal” e “saudável” socialmente.

## Referências

- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- DELEUZE, G. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.
- D'SOUZA, R. As prisões do conhecimento: pesquisa ativista e revolução na era da "globalização". In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Org.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010, p. 145-171.
- FERREIRA, J. O corpo sógnico. In: MINAYO, M. C. S.; ALVES, J. P. C. B. (Org.). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, p. 101-112.
- FISCHLER, C. Obeso benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, D. B. (Org.) **Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da clínica**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.
- JIMENEZ, M. L. J. **Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos**. 2020. Tese (Doutorado em Estudos de Cultura Contemporânea) – Universidade Federal de Mato Grosso, Campo Grande, 2020.
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papirus, 2003.
- NEVES, M. Sarah Stage, a grávida sarada, posa de biquíni quatro meses após dar à luz. *globo.com, ego*, 25 ago. 2015. Disponível na Internet via: <http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/08/sarah-stage-gravida-sarada-posa-de-biquini-quatro-meses-apos-dar-luz.html>. Acesso em 27 jul 2017.
- POULAIN, J. P. **Sociologia da obesidade**. São Paulo: Senac, 2013.
- SANTOS, B. de S. **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitanismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- SANTOS, B. de S. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Trilce, 2010.
- WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.